

OS NÍVEIS DE OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DO VAU

AUTORES

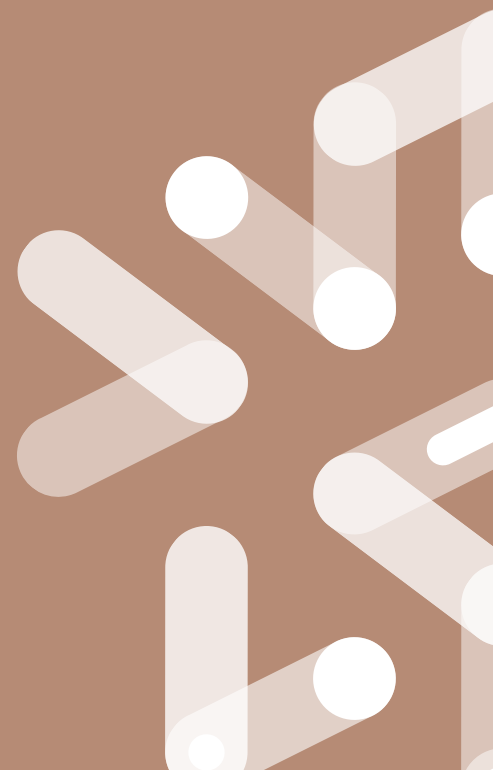
Sérgio Gomes¹

Alicia Ameijenda²

Carmen Manzano²

(1) CEAACP – Universidade de Coimbra.

(2) Arqueologia e Património, Lda..



A estação arqueológica do Vau (São João da Serra, Oliveira de Frades, Viseu) localiza-se na margem esquerda do vale do rio Teixeira, um dos afluentes do Vouga, num meandro onde se situa a praia fluvial que dá nome à estação. Os trabalhos arqueológicos realizados permitiram a identificação de estruturas e conjuntos artefactuais que sugerem a utilização da plataforma como um lugar que foi ocupado sazonalmente em diferentes períodos do Pleistoceno e do Holoceno. Durante o Paleolítico Superior, há a destacar um conjunto de vestígios que remetem para ocupação durante o Gravettense e, provavelmente, o Magdalenense Final. A utilização deste lugar ter-se-ia perpetuado durante o 4.º Milénio AC e a Idade do Bronze, como sugere a análise das estruturas, dos conjuntos artefactuais (líticos e cerâmicos) e as datações de radiocarbono.

Vau (São João da Serra, Oliveira de Frades, Viseu) is located on the left bank of Teixeira river, a tributary of Vouga, in a meander where a fluvial beach was formed. The archaeological excavation allowed the identification of structures and artefact assemblages suggesting the occupation of the platform during the Pleistocene and the Holocene. The analysis of Upper Paleolithic remains indicates an occupation related to the Gravettian and, probably, to the Late Magdalenian. This place was reused in the Neolithic and Bronze Age periods, as suggested by the analysis of the structures, artefactual assemblages (lithics and ceramics), and radiocarbon dates. Overall, it seems that the platform was a place for short occupation periods by communities with distinct strategies of territorial organization.



INTRODUÇÃO

Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos nos trabalhos de escavação do Vau. No Ponto 1, é abordado o contexto de identificação do sítio e serão elencadas as principais estratégias adotadas no decurso da intervenção arqueológica. Nos Pontos 2 e 3, são apresentados os resultados obtidos no decurso dos trabalhos de escavação. Por uma questão de sistematização, optou-se por organizar os resultados por unidades contextuais/estratigráficas para facilitar uma leitura diacrónica dos vestígios identificados. Como se verá, estas unidades permitem equacionar diferentes momentos de ocupação do sítio e problematizar os limites e as possibilidades de se individualizar tais momentos.

1. A identificação do sítio e as estratégias da intervenção arqueológica



Figura 1 – Vista geral da plataforma onde se concentravam os vestígios arqueológicos.

A estação arqueológica do Vau localiza-se na margem esquerda do vale do rio Teixeira (Figura 1), um dos afluentes do Vouga, num meandro onde se situa a praia fluvial que dá nome à estação (São João da Serra, Oliveira de Frades, Viseu). Como indica o topónimo, este ponto corresponderia a uma área de travessia do rio Teixeira. Os vestígios arqueológicos foram identificados por Filipe Pina, da equipa Omniknos, Lda., durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico. Tendo em conta que a área onde se localizam tais evidências seria submersa pela albufeira, foi preconizada a realização de sondagens manuais (num total de 40 m²) para contextualizar tais ocorrências de superfície (Pereiro 2014). Os trabalhos realizados permitiram registar uma sequência estratigráfica que remetia para diferentes períodos de ocupação por parte de comunidades de caçadores-recoletores, entre o Magdalenense e o Mesolítico antigo, testemunhados por um conjunto artefactual lítico em associação com estruturas pétreas (*ibid.*). Face à importância dos achados, a equipa da Arqueologia e Património, Lda. desenvolveu um programa de trabalhos de escavação no sentido de caracterizar a plataforma onde se localizavam os vestígios (500 m² de escavação manual) e de averiguar a existência de outras evidências arqueológicas nas plataformas contíguas (sondagens mecânicas) (Figura 2). Estes trabalhos (Figuras 3 e 4) decorreram entre setembro e dezembro de 2014, sendo interrompidos por três vezes, por períodos de cerca de duas semanas, devido ao alagamento da área¹.

(1) Considerando estas condicionantes, foi sendo desenvolvida uma estratégia combinada de escavação em área, realização de sanjas e sondagens manuais no sentido de caracterizar as diferentes áreas da estação. Note-se que, a Sanja 1 e as Sondagens mecânicas localizadas junto ao rio acabariam por não ser realizadas.

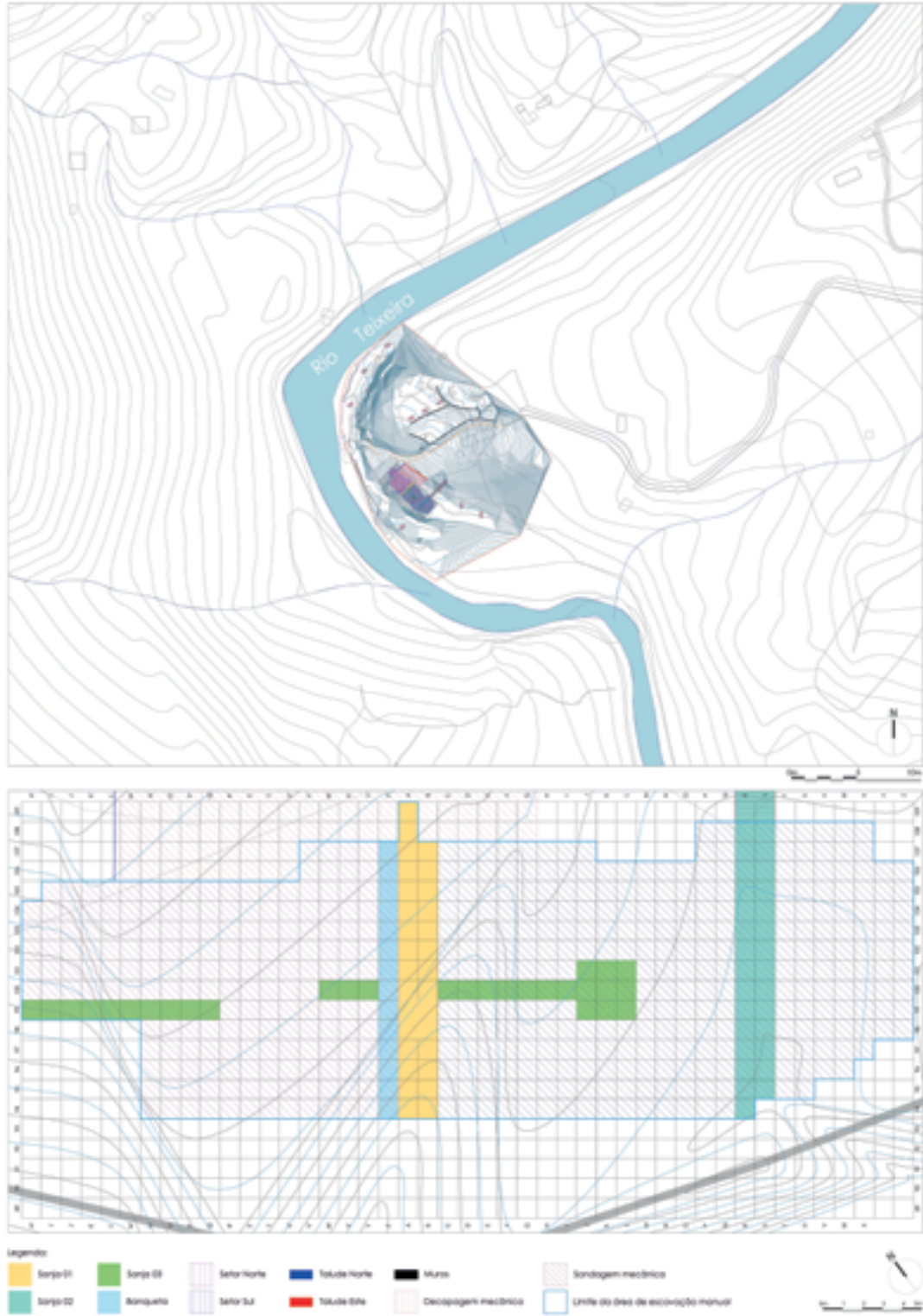


Figura 2 – Planta da intervenção arqueológica.



Figura 3 – Progressão dos trabalhos de escavação na vala mecânica.



Figura 4 – Progressão dos trabalhos de escavação manual.

Os trabalhos seguiram os princípios de estratigrafia e de registo preconizados por Barker (1978) e Harris (1989). A aplicação destes princípios teve em consideração a natureza dos contextos identificados, procedendo-se à escavação por níveis artificiais que acompanhavam o desenvolvimento dos depósitos e a crivagem dos sedimentos (em crivo de malha de 2 mm, a seco e a água). Teve-se também em consideração a análise geoarqueológica desta realidade, seguindo os exemplos e propostas metodológicas de Angelucci (2003). A par disto, os trabalhos de escavação tiveram articulação com as equipas de estudo das áreas da arqueobotânica (Tereso & Oliveira 2016), palinologia (Danielsen & Mendes s/d) e sedimentologia (Cunha et al 2016), cujos resultados são discutidos nos Capítulos 2.1 e 2.2.

2. A variabilidade estratigráfica da plataforma onde se concentram os vestígios arqueológicos



Figura 5 – Variabilidade lateral da estratigrafia: o Setor Norte (do lado direito) e o Setor Sul (do lado esquerdo).



Figura 6 – Esquema interpretativo da sequência estratigráfica da plataforma onde se concentram os vestígios de ocupação humana – “eixo paralelo” ao rio Teixeira.

Os trabalhos realizados permitiram verificar que os vestígios arqueológicos se encontravam concentrados na plataforma onde se desenvolveu a escavação manual. Nas sondagens e valas mecânicas em torno desta plataforma foram observadas sequências estratigráficas que contribuirão para compreender as dinâmicas de formação do sítio², designadamente: a escadaria de níveis de terraço relacionada com o encaixe do rio Teixeira; e a sequência de depósitos de coluvião relacionados com a dinâmica de vertente. Na plataforma onde se concentravam os vestígios, registou-se uma variabilidade lateral na sequência estratigráfica (Figuras 5 e 6), que permite a sua sistematização em duas áreas distintas: o Setor Norte, que se caracterizava pela presença de um depósito limoargiloso com um aspeto maciço, de cor amarela; e o Setor Sul, onde tal realidade dá lugar a um depósito limoarenoso, de cor negra, pouco compacto, formado numa dinâmica de vertente, que cobre a realidade identificada no Setor Norte.

(2) As questões relacionadas com a formação do sítio encontram-se desenvolvidas no Capítulo 2.1.



Figura 7 – Variabilidade lateral da estratigrafia: o Setor Norte (em primeiro plano).

No Setor Norte (Figura 7), após a remoção da camada superficial (UE 001), foi definido um sedimento siltoarenoso de cor castanha de tonalidade amarela (UE 003), no topo do qual foi identificado um conjunto de duas estruturas em covacho: Estruturas 1 e 2 que, como veremos, apresentam datação que permitem a sua articulação com o 4.º Milénio AC. Também após a remoção da camada superficial, e no processo de escavação da UE 003, foi identificado um outro depósito de cor amarela com elementos pétreos (nomeadamente, seixos de quartzito e blocos de granito arredondados). Este depósito, a UE 005, caracteriza-se por apresentar cerca de 1 m de espessura e por se estender para o Setor Sul, onde gradualmente perde espessura. Outra característica a salientar é a ocorrência de elementos pétreos isolados ou em concentrações em diferentes níveis. Do ponto de vista da ocupação humana, é de salientar que o depósito apresenta um elevado conjunto de elementos líticos articuláveis com o Paleolítico Superior. A sua distribuição por quase toda a espessura do depósito, é sugestiva de uma sucessão de episódios de ocupação de difícil diferenciação.



Figura 8 – Variabilidade lateral da seqüência estratigráfica: Setor Sul (em primeiro plano).

No Setor Sul, a remoção da UE 001 permitiu definir um depósito de matriz arenoargilosa de cor preta que se estendia por toda a área, a UE 002. No decurso da definição do NA 2 da UE 002, foi possível reconhecer que o depósito apresentava um nível constituído por inúmeros clastos, nomeadamente de blocos de granito, placas de xisto e seixos de quartzito, alguns dos quais termoalterados. Entre estes blocos, foi possível identificar a Estrutura 3, uma estrutura pétreia de planta subcircular, localizada no canto nordeste do setor (quadrículas D-F/105-107). A par desta estrutura, reconheceu-se também uma área de concentração de fragmentos de cerâmica pré-histórica (quadrículas H-L/100-101). O depósito UE 002 apresentava uma espessura que aumentava para SW, chegando a atingir cerca de um 1 m de espessura na Sanja 2. Este aumento de espessura pode estar associado ao canal de drenagem em que se forma este depósito, cujos limites parecem localizar-se na zona onde decorreu a intervenção; daí a variabilidade lateral da sequência estratigráfica (Figura 8).

Nas quadrículas A-F/95-101 (na área contígua ao Setor Norte), a UE 002 apresentava uma espessura muito reduzida. Após a sua remoção foi possível reconhecer um depósito de matriz siltoarenosa de cor castanha escura, a UE 013/022. No topo desta realidade foi identificado um conjunto de quatro estruturas, as Estruturas 4, 5, 6 e 7. Após a remoção desta realidade, foi identificada, na Sanja 3, a UE 005. O depósito tanto era coberto pela UE 013/022, como pela UE 002 e por depósitos cascalhentos (UE's 025 e 029). Na área de contacto entre a UE 005 e estes últimos depósitos, foi recolhida uma plaqueta gravada (um elemento que permite também a articulação do depósito com o Paleolítico Superior).

O processo de escavação destas realidades identificadas nos diferentes setores permitiu individualizar quatro contextos estratigráficos, cuja consideração permite criar uma primeira imagem explicativa da sequência da ocupação humana da plataforma. No Setor Norte, destacam-se: o depósito UE 003, à qual se encontravam associadas as Estruturas 1 e 2; e o depósito UE 005, que embala unidades pétreas e uma componente lítica muito numerosa. No Setor Sul, salientam-se: o depósito UE 002, com o qual se articulam a Estrutura 3 e um conjunto de fragmentos cerâmicos; e o depósito UE's 013/022, ao qual se encontravam associadas as Estruturas 4, 5, 6 e 7. Nos próximos pontos serão abordados separadamente estes quatro contextos estratigráficos; a sua apresentação obedece a uma ordem cronológica, começando-se do mais recente para o mais antigo.

3. Unidades contextuais/estratigráficas e níveis de ocupação

3.1. UE 002 e Estrutura 3

Durante o processo de escavação dos primeiros níveis da UE 002, registou-se que o depósito embalava um elevado conjunto de clastos de diferente natureza litológica, nomeadamente de granito, que se desenvolvia, grosso modo, entre as quadrículas A-F/108-109, com uma orientação para sudoeste. A disposição geral de tais clastos sugeria estarmos face a uma realidade coluvionada, na qual os elementos pétreos corresponderiam a elementos transportados de cotas superiores. Apesar de se tratar de uma formação tendencialmente desorganizada, sugerindo tratar-se de um episódio torrencial na formação do depósito UE 002, registava-se, por vezes, a existência de concentrações cuja natureza podia ser antrópica. Foi no processo de avaliação destas concentrações que foi identificada a Estrutura 3, ao nível do topo do 2.º NA, nas quadrículas D-F/105-107 (Figura 9).



Figura 9 – Progressão dos trabalhos de escavação da UE 002, aquando da definição da Estrutura 3.

A Estrutura 3 é uma construção pétreia, constituída por blocos de contornos irregulares (20 a 40 cm de eixo maior) de granito e, em menor quantidade, anfibolito, xisto, quartzo e quartzito. Estes elementos não apresentam evidências de facetagem, encontrando-se colocados sobre o seu eixo maior, formando um anel pétreo com um diâmetro de cerca de 2 m e uma altura máxima de 30 cm (UE 3000); o interstício do anel pétreo apresentava, por vezes, algum cascalho envolvido num sedimento semelhante à UE 002. O interior do espaço definido pelo anel pétreo encontrava-se colmatado por um depósito (UE 3001) de características semelhantes à UE 002. A remoção deste depósito permitiu a identificação de um depósito clasto-suportado (UE 3002) que,

inicialmente, foi interpretado como possível base da estrutura (Figuras 10 e 11). Porém, o desenvolvimento dos trabalhos de escavação permitiu verificar que tal realidade se tratava dos depósitos detríticos (as UE's 029 e 030) que se desenvolvem sob a UE 002.



Figuras 10 e 11 – Progressão dos trabalhos de escavação da Estrutura 3.

Note-se que, em termos estratigráficos, a Estrutura 3 localiza-se na base do depósito UE 002, sendo de salientar que a base do anel pétreo é quase coincidente com os depósitos detríticos anteriores à formação da UE 002. Assim, a Estrutura 3 parece estar articulada com os momentos iniciais de formação deste depósito³. No que diz respeito ao contexto de uso da estrutura, apesar dos clastos apresentarem algumas evidências de termoalteração, os depósitos do interior do espaço definido pelo anel pétreo, ainda que embalassem pequenos carvões, não apresentavam qualquer nível ou concentração de elementos carbonizados que, de modo inequívoco, remetesse para a utilização da estrutura enquanto espaço de combustão.

EST/UE/NA	Amostra	ICA ID	Mat. datado	¹⁴ C Conv.	Cal. AC 2σ	Cal. BP 2σ
Estrutura 3 UE 3001 1.º NA	Vau3	15C/0657	<i>Quercus caducifolia</i>	5330±40 BP	4317-4297 (3%) 4263-4045 (97%)	6266-6246 (3%) 6212-5994 (97%)
Estrutura 3 UE 3001 1.º NA	Vau4	15C/0658	<i>Leguminosae</i>	4890±40 BP	3767-3635 (100%)	5716-5584 (100%)
Estrutura 3 UE 3001 2.º NA	Vau11	16C/0316	<i>Leguminosae</i>	9200±40 BP	8543-8505 (10%) 8491-8300 (90%)	10492-10454 (10%) 10440-10249 (90%)
Estrutura 3 UE 3001 2.º NA	Vau12	16C/0317	<i>Leguminosae</i>	5820±30 BP	4778-4772 (1%) 4771-4587 (99%)	6727-6721 (1%) 6720-6536 (99%)

Tabela 1 – Datações obtidas no enchimento da Estrutura 3.

A análise dos vestígios arqueobotânicos⁴ e as datações obtidas no enchimento da estrutura (Tabela 1) também não permitem avançar na definição de um quadro de uso da estrutura nem na sua articulação com um período específico. De um ponto de vista de relação entre a estrutura e elementos artefactuais, há a registar que a componente artefactual proveniente do seu interior e das quadrículas em seu redor corresponde a um conjunto pouco numeroso: 24 peças provenientes dos seus depósitos de enchimento e 24 peças provenientes da UE 002, nas quadrículas C-F/104-107. É um conjunto onde ocorrem diferentes matérias-primas, constituído, maioritariamente, por lascas e restos de talhe, no qual não foi identificado qualquer elemento diagnóstico. Ou seja, na análise dos vestígios em relação imediata com a estrutura não há qualquer elemento que permita a sua associação a um contexto crono-cultural.

(3) Ver Capítulo 3.3 sobre a indústria lítica proveniente da UE 002. Na globalidade do conjunto proveniente deste depósito regista-se a presença de micrólitos geométricos que podem, porém, estar remobilizados.

(4) Ver Capítulo 2.2.

Em termos espaciais, considerando o nível em que ocorre a Estrutura 3, também não foi identificado qualquer elemento que seja sugestivo da organização da espacial em que estaria inserida. A este propósito, é necessário ter em conta que o depósito UE 002 teria sido formado numa dinâmica de vertente com fenómenos de escoamento diferenciados que afetaram, de modo distinto, a plataforma onde se concentram os vestígios de ocupação. Neste sentido, o carácter aparentemente isolado da Estrutura 3 pode ser decorrente dessa dinâmica de erosão/deposição em que se forma a UE 002, na qual os elementos que teriam estado em relação direta com a estrutura foram redepositados. Neste processo, tais elementos, ainda que possam estar presentes no registo arqueológico, não apresentam uma relação direta que permita a sua associação de modo inequívoco.

Considerando todas as condicionantes à interpretação e inserção crono-cultural deste contexto é, porém, de salientar a expressiva presença de cerâmica manual na UE 002 (Figura 12). Com efeito, dos 134 fragmentos que constituem este subgrupo tecnológico⁵, 114 são provenientes deste depósito⁶. Quando se procede à distribuição destes fragmentos, verifica-se que existe uma concentração localizada nas quadrículas H-L/100-101, estando os fragmentos distribuídos pelas UE's 001 e 002 (entre o 1.º e o 4.º NA). É um conjunto muito fragmentado e, de um modo geral, em mau estado de conservação, cuja colagem permitiu a identificação de diferentes recipientes. Saliente-se a presença de partes de um recipiente globular fechado, com colo ligeiramente estrangulado, bordo extrovertido, lábio aplanado e ligeiramente espessado exteriormente, com aplicação de mamilos toscos e repuxados. A par deste recipiente, foi também reconhecida a presença de formas globulares com colo, por vezes com asa, e fundo plano e o recurso a decorações plásticas (mamilos junto ao bordo). Tais recipientes apresentam semelhanças morfológicas e decorativas com a Idade do Bronze Regional (e.g. Bettencourt 1988; Canha 2002; Vilaça e Cunha-Ribeiro 2007), funcionando, deste modo, como um elemento a considerar na inserção crono-cultural deste contexto.

(5) No total foram recolhidos 240 elementos cerâmicos, dos quais 106 correspondem a fragmentos de cerâmica de cronologia histórica (faiança, vidro de chumbo e cerâmica de construção, por exemplo) provenientes, fundamentalmente, das UE's 001 e 002.

(6) Distribuindo-se os restantes pela UE 001 (13 fragmentos), UE 003 (3 fragmentos), UE 013 (2 fragmentos), UE 005 (1 fragmento) e UE 022 (1 fragmento).



Figura 12 – Fragmentos cerâmicos provenientes da UE 002.

A articulação dos fragmentos cerâmicos com a Estrutura 3 e a sua inserção na Idade do Bronze faz sentido considerando-se a posição estratigráfica destes elementos, que correspondem aos vestígios mais recentes da ocupação da plataforma. Outro aspeto a considerar prende-se com a tipologia da Estrutura 3 que, como se verá mais à frente, é distinta das restantes estruturas identificadas em contextos de cronologia mais antiga, podendo corresponder a outra estratégia de ocupação e sistema de atividades. Ou seja, apesar da pouca definição dos elementos disponíveis, é possível, ainda que com reservas, associar este contexto estratigráfico a uma ocupação mais tardia da Pré-história Recente⁷.

(7) Note-se que nos resultados obtidos nas datações, designadamente, no âmbito dos trabalhos de palinologia (Danielson & Mendes s/d), o limite mais recente do intervalo cronológico registado para o depósito UE 002 é coincidente com a Idade do Bronze. Ver também Capítulo 2.1.

3.2. UE 003 e Estruturas 1 e 2

No Setor Norte, após a remoção da UE 001, definiu-se o topo de dois depósitos de matriz limoarenosa de cor castanha-amarelada: a UE 003 e a UE 005, que eram cortados por canais erosivos. A UE 005 desenvolvia-se fundamentalmente na zona nordeste do setor, apresentando uma tonalidade mais clara e embalando clastos e cascalho. A UE 003, por sua vez, apresentava uma tonalidade mais escura, apresentando menos clastos. Nas linhas 102 e 103, foram identificadas duas “manchas” de carvões que viriam a revelar-se o topo do enchimento de duas estruturas de combustão (Figuras 13 e 14): a Estrutura 1, localizada nas quadrículas W'-X'/102-103; e Estrutura 2, identificada nas quadrículas Q'-R'/101-102. A partir da linha 100, o depósito UE 003 apresentava sinais de afetação recente, identificando-se, por exemplo, marcas em negativos da pá duma retroescavadora.

A Estrutura 1 é um covacho (interface vertical UE 1003) de planta ovalada (ligeiramente distorcida na zona sul). No seu enchimento foi individualizado um conjunto de depósitos de matriz limoarenosa (UE's 1000, 1001, 1004 e 1005, diferenciados por variações da cor) que embalavam um “nível pétreo” (UE 1002) constituído por fragmentos de granito, xisto e quartzo em desagregação. A Estrutura 2 corresponde também a um covacho, cujo enchimento era constituído por depósitos de matriz limoarenosa com muitos carvões e fragmentos de elementos pétreos com marcas de rubefação e/ou alteração térmica⁸.

Os resultados das datações obtidos no enchimento destas estruturas (Tabela 2) remetem para uma ocupação do sítio durante o 4.º Milénio AC. As datações obtidas no depósito onde se encontravam abertas estas estruturas (a UE 003) são anteriores a este período cronológico. Na análise da componente lítica⁹ da UE 003 foram identificados alguns elementos, designadamente uma ponta de seta de base côncava, que se articulam com as datações obtidas no enchimento das estruturas, sendo de referir também a presença de três fragmentos de cerâmica manual. Porém, regista-se também a presença de alguma utensilagem de dorso que remete para cronologias mais antigas¹⁰ e de quatro fragmentos cerâmicos de cronologia histórica. Relativamente a esta concentração de elementos de diferentes cronologias, é de referir a sua possível associação às perturbações recentes do depósito (como testemunham as marcas de escavação mecânica). Ou seja, se, por um lado, há uma certa homogeneidade nas datações do interior das estruturas, por outro lado, tal cenário contrasta com a pouca resolução cronológica do depósito onde tais contextos foram identificados, que, como se viu, tanto apresenta uma componente artefactual articulável com o 4.º Milénio AC, como elementos que remetem para períodos

(8) Ver Capítulo 2.2 sobre os vestígios arqueobotânicos destas estruturas.

(9) Apresentada no Capítulo 3.3.

(10) Note-se que a interface vertical entre as UE's 003 e 005 é muito difusa, podendo alguns dos elementos que estão registados como provenientes da UE 003 serem provenientes do depósito sobrejacente onde se concentram os vestígios da ocupação do Paleolítico Superior.

anteriores e posteriores. Acresce referir que a tipologia das estruturas também sugere alguma reservas relativamente à sua associação à UE 003. Com efeito, correspondendo a estruturas em negativo, podem estar desarticuladas do solo no qual foram abertas. Tal solo, entretanto erodido e ausente do registo da sequência estratigráfica, seria correlativo de uma ocupação do 4.º milénio AC, cujos vestígios ocorrem remobilizados.



Figura 13 – Setor Norte: pormenor do plano onde foram identificadas as Estruturas 1 e 2 (UE 003).

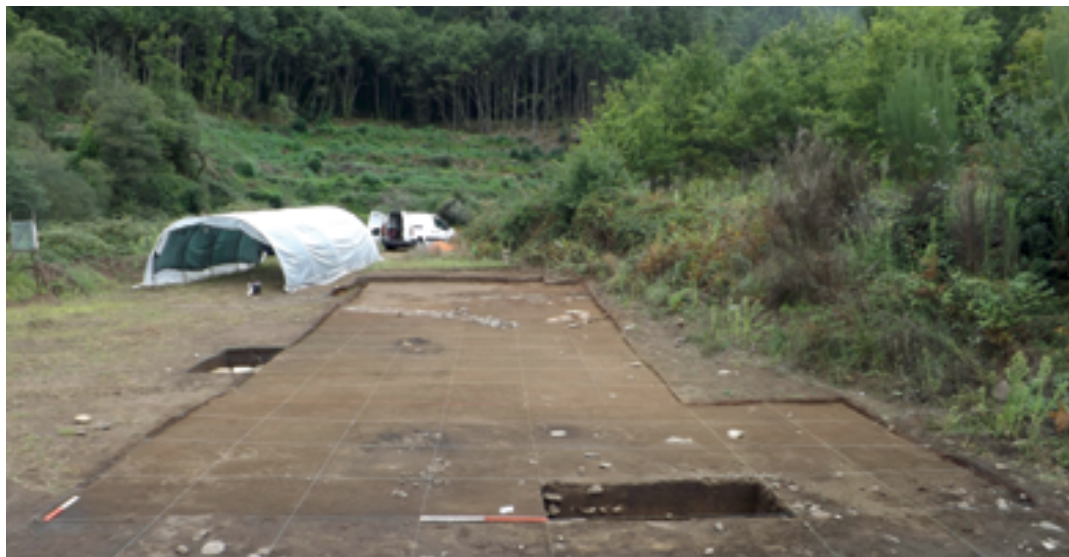


Figura 14 – Progressão dos trabalhos de definição do topo do depósito UE 003: identificação da Estrutura 1 (em primeiro plano) e da Estrutura 2.

EST/UE/NA	Amostra	ICA ID	Mat. datado	¹⁴ C Conv.	Cal. AC 2σ	Cal. BP 2σ	
Estrutura 1 UE 1005	Vau1	15C/0655	Leguminosae	4910±40 BP	3770-3640 (100%)	5719-5589 (100%)	
	Vau13	16C/0318	Leguminosae	4730±30 BP	3634-3552 (47%)	5583-5501 (47%)	
					3541-3497 (22%)	5490-5446 (22%)	
					3450-3443 (1%)	5399-5392 (1%)	
					3439-3377 (30%)	5388-5326 (30%)	
Estrutura 2 UE 2003	Vau2	15C/0656	<i>Quercus caducifolia</i>	4820±40 BP	3694-3679 (2%)	5643-5628 (2%)	
					3666-3617 (34%)	5615-5566 (34%)	
						3614-3521 (64%)	5563-5470 (64%)
	Vau14	16C/0319	Leguminosae	5250±30 BP	4227-4201 (10%)	6176-6150 (10%)	
4170-4127 (18%)					6119-6076 (18%)		
4120-4093 (5%)					6069-6042 (5%)		
					4081-3976 (67%)	6030-5925 (67%)	
UE 003 1.º NA	Vau17	17C/0815	Leguminosae Tipo II	6110±40 BP	5208-5087 (31%)	7157-7036 (30%)	
					5085-4942 (69%)	7034-6891 (70%)	
UE 003 1.º NA	Vau18	17C/0816	Leguminosae	7300±40 BP	6231-6071 (100%)	8180-8020 (100%)	

Tabela 2 – Datações obtidas nos enchimentos das Estruturas 1 e 2 e no depósito UE 003.

3.3. UE's 013/022 e estruturas 4, 5, 6 e 7

A UE 013/022¹¹ é um depósito arenoargiloso, localizado no Setor Sul, cujo topo foi definido após a remoção das UE's 001 e 002, desenvolvendo-se, grosso modo, entre as quadrículas A-F/95-101; em termos altimétricos, ocorre à mesma cota da UE 003, podendo corresponder a um prolongamento deste depósito que, nesta área apresenta uma cor mais escura¹² (Figuras 15 e 16). No modo como a UE 013 é coberta pela UE 002, é de salientar que o depósito de clastos, anteriormente referido a propósito da descrição do nível em que ocorre a Estrutura 3, também se desenvolve no topo da UE 013. Entre a distribuição caótica do nível pétreo foi possível reconhecer concentrações que sugeriam uma natureza antrópica¹³, tendo-se definido quatro estruturas:

- Estrutura 4. É uma estrutura de combustão em covacho (UE 4003 – 80 cm de diâmetro e 27 de profundidade) de planta subcircular, identificada nas quadrículas A-B101. No seu enchimento foi definido um conjunto de clastos de granito e, em menor quantidade, de quartzo e quartzito com 25 cm de eixo máximo (UE 4000). A concentração de elementos pétreos encontrava-se confinada à área do covacho, sendo envolvida por um depósito limoarenoso de cor negra com muito carvão (UE 4001), assentando num depósito semelhante, mas mais claro (UE 4003);
- Estrutura 5. Localizada nas quadrículas D-F/95-97, a estrutura encontrava-se definida por um anel de blocos pétreos de granito, pequenas placas de xisto e fragmentos de quartzo com um eixo maior de 20 cm (UE 5002), no interior do qual se encontrava um aglomerado pétreo constituído por elementos de menores dimensões (UE 5000), envolvido num depósito de matriz argilosa de cor preta (UE 5001). Após a remoção destes elementos, foi identificada uma ligeira depressão ou covacho;
- Estrutura 6. Corresponde a um aglomerado pétreo de planta subcircular com um diâmetro de 80 cm, localizado na quadrícula D98. Tal realidade correspondia a um imbricado de clastos de granito e quartzo e placas de xisto de pequenas dimensões (UE 6000), envolvido num depósito de matriz arenoargilosa de cor castanha e tonalidade escura (UE 6001). Após a remoção dos elementos pétreos, registou-se um covacho pouco pronunciado no depósito sobre o qual se encontravam os blocos pétreos;
- Estrutura 7. Estrutura em covacho localizada nas quadrículas B/C-99. Ao nível do topo, apresentava-se enquanto um aglomerado pétreo caótico (UE 7000), composto por fragmentos de placas de xisto e rebolos de granito. A desmontagem deste

(11) As UE's 013 e 022 correspondem a uma mesma realidade. No decurso da UE 013, registou-se uma alteração ao nível da composição da matriz, que se tornava mais limosa e mais escura; esta variação levou à individualização da UE 022. Apesar desta diferenciação, é provável que se trate da mesma realidade estratigráfica, pelo que se optou pela sua abordagem em conjunto.

(12) Note-se também que as UE's 003 e 013/022 se desenvolvem sobre a UE 005, sendo cobertas pela UE 002.

(13) Ver também a análise dos vestígios arqueobotânicos no Capítulo 2.1.

nível permitiu a delimitação de um nível pétreo de planta subcircular (UE 7001), constituído por fragmentos de quartzo, granito e xisto. Estes elementos pétreos estavam envolvidos num depósito de matriz arenoargilosa de cor castanha, localizado no interior duma interface vertical de planta subcircular (UE 7003).

As dificuldades de integração crono-cultural referidas anteriormente a propósito do depósito UE 003 são também registadas ao nível do contexto estratigráfico em análise. Como é possível observar nas datações obtidas nos sedimentos associados às estruturas (Tabela 3) ainda que, por vezes, apresentem alguma coerência interna, no seu conjunto acabam por definir um amplo intervalo cronológico que não permite uma articulação, de forma inequívoca, com um período específico. No caso da Estrutura 6, as datações remetem para o 6.º Milénio AC, sendo coincidentes com uma das datações da Estrutura 5, o que sugere a possibilidade de existir alguma contemporaneidade entre estas duas estruturas. No caso da Estrutura 7, as datações afastam-se deste intervalo cronológico, remetendo para o 9.º Milénio AC. Nas datações obtidas para a Estrutura 4, uma remete para o 5.º Milénio AC, podendo estar influenciada pelo efeito de madeira antiga, a outra é coincidente com o intervalo obtido para as Estruturas 1 e 2, remetendo para a possibilidade de estar associada à ocupação da plataforma durante o 4.º Milénio AC. A propósito da coincidência de datações entre as Estruturas 1, 2 e 4, é de referir novamente que, apesar de terem sido associadas a diferentes depósitos, há uma continuidade altimétrica entre os depósitos a que se encontram associadas (as UE 003 e UE's 013/022).



Figura 15 – Topo da UE 013: progressão dos trabalhos de definição das Estruturas 4, 5, 6 e 7.

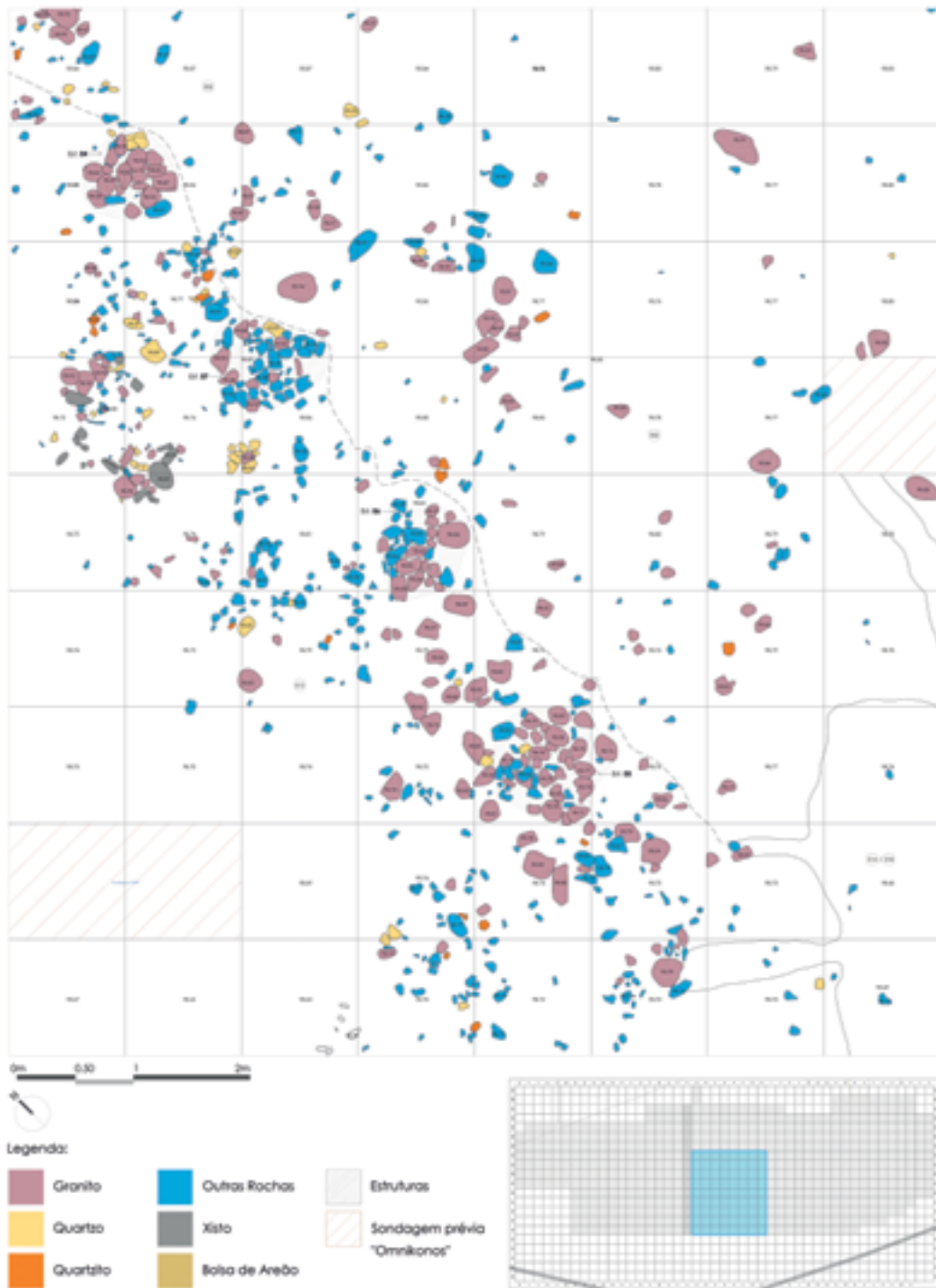


Figura 16 – Setor Sul: Plano relativo ao topo das Estruturas 4, 5, 6 e 7 (UE 013).

EST/UE/NA	Amostra	ICA ID	Mat. datado	¹⁴ C Conv.	Cal. AC 2σ	Cal. BP 2σ
Estrutura 4 UE 4001	Vau5	15C/0659	<i>Quercus caducifolia</i>	5980±40 BP	4987-4772 (100%)	6936-6721 (1%)
	Vau7	16C/0312	<i>Leguminosae</i>	4740±30 BP	3635-3547 (57%) 3545-3500 (22%) 3430-3380 (21%)	5584-5496 (57%) 5494-5449 (22%) 5379-5329 (21%)
Estrutura 5 UE 5001	Vau8	16C/0313	<i>Erica arborea/ australis</i>	2590±30 BP	819-755 (98%) 680-670 (1%) 607-595 (1%)	2768-2704 (98%) 2629-2619 (1%) 2556-2544 (1%)
	Vau21	17C/0819	<i>Leguminosae</i>	6340±30 BP	5459-5452 (1%) 5376-5223 (99%)	7408-7401 (1%) 73257172 (99%)
Estrutura 6 UE 6001	Vau6	16C/0311	<i>Cistus sp.</i>	6390±30 BP	5468-5399 (38%) 5391-5316 (62%)	7417-7348 (38%) 7340-7265 (62%)
	Vau22	17C/0820	<i>Leguminosae</i>	6430±30 BP	5475-5341 (100%)	7424-7290 (100%)
Estrutura 7 UE 7001	Vau10	16C/0315	<i>Leguminosae</i>	9250±40 BP	8603-8582 (3%) 8575-8326 (97%)	10552-10531 (3%) 10524-10275 (97%)
	Vau23	17C/0821	<i>Erica australis/ arborea</i>	9130±30 BP	8436-8366 (18%) 8352-8278 (82%)	10385-10315 (18%) 10301-10227 (82%)
UE 013 1.º NA	Vau17	17C/0815	<i>Leguminosae Tipo II</i>	6110±40 BP	5208-5087 (31%) 5085-4942 (69%)	7157-7036 (30%) 7034-6891 (70%)
UE 013 1.º NA	Vau18	17C/0816	<i>Leguminosae</i>	7300±40 BP	6231-6071 (100%)	8180-8020 (100%)
UE 003 1.º NA	Vau19	17C/0817	<i>Leguminosae</i>	6140±40 BP	5214-4981 (100%)	7163-6930 (100%)
UE 003 1.º NA	Vau20	17C/0818	<i>Leguminosae</i>	2350±40 BP	728-693 (2%) 657-655 (1%) 542-361 (96%) 267-265 (1%)	2677-2642 (1%) 2606-2604 (1%) 2491-2310 (97%) 2216-2214 (1%)

Tabela 3 – Datações obtidas nas Estruturas 4, 5, 6 e 7 e nos depósitos UE 013 e UE 003.

No que diz respeito à componente artefactual das UE's 013/022¹⁴, há também algumas semelhanças com o conjunto proveniente da UE 003. Saliente-se que o cenário de indefinição registada ao nível das datações e da componente artefactual, que apresenta um lapso cronológico muito amplo compreendido entre o Mesolítico e o Neolítico, corresponde-se também com a dificuldades sentidas na delimitação desta realidade no

(14) Ver também Capítulo 3.3 sobre a componente lítica. Na componente cerâmica, registam-se três fragmentos de cerâmica manual e outro de cerâmica vermelha de cronologia histórica.

processo de escavação. Com efeito, parece estarmos face a uma realidade resultante de múltiplos episódios de ocupação e de complexos processos de formação que inviabilizam a definição de uma sequência de ocupação mais detalhada¹⁵.

- (15) A relação estratigráfica entre estes dois contextos estratigráficos que acabamos – as Estruturas 1 e 2/UE 003 e as Estruturas 4, 5, 6 e 7/UE's 013/022 – de apresentar não era muito nítida. Com efeito, correspondem a depósitos que, em termos de matriz, são muito semelhantes, diferenciando-se por apresentarem cores distintas: o depósito UE 003, localizado no setor norte, é amarelo de tonalidade castanha e o depósito UE 013, localizado no setor sul, é castanho escuro. Durante a sua escavação, a interface entre estes depósitos era muito difusa não tendo sido possível definir uma relação de posterioridade/anterioridade entre eles. Acresce referir que, na avaliação destes contextos, que ocorrem no topo da sequência estratigráfica, deve ser considerada a complexidade dos processos de formação e alteração do registo a que foram sujeitos. Assim, se, por um lado, é de salientar a coerência morfológica e dos resultados das datações das Estruturas 1, 2 e 4, que remetem para a ocupação da plataforma nos meados do 4.º Milénio AC, deve ser também considerado que a sua associação a um solo de ocupação não é evidente, dado que estes níveis iniciais se encontram profundamente alterados. No caso das Estruturas 5, 6 e 7, estas limitações do registo arqueológico são ainda mais condicionantes na sistematização da sequência de ocupação pré-histórica da plataforma. Com efeito, refira-se que estas estruturas apresentam um carácter residual, cuja interpretação nos conduz a uma leitura dos resultados das datações como uma idade máxima e mínima para o seu abandono.

3.4. UE 005

A UE 005 corresponde a um extenso depósito que se desenvolve por quase toda a área intervencionada, cobrindo o nível de terraço que define esta plataforma. No Setor Norte apresenta uma espessura de cerca de 1 m, desenvolvendo-se para o Setor Sul, onde progressivamente perde espessura. No que diz respeito ao seu contexto de formação, é provável que corresponda a um acumulado de depósitos resultantes de episódios cíclicos de inundação alternados por contribuições de vertente¹⁶. Trata-se de uma alternância que, embora resulte numa acumulação de sedimentos, se faz num contínuo movimento erosivo que dificulta a identificação de uma sequência de episódios que seja ilustrativa de tal dinâmica. Com efeito, no geral, o depósito apresenta um aspeto maciço, embalando diversos níveis definidos por grandes seixos rolados, isolados ou formando aglomerados, separados entre si por camadas relativamente espessas de sedimento fino. Note-se que não se procedeu à escavação integral do depósito, com efeito a imagem que se acabou de descrever é resultante da definição do seu topo no Setor Norte e da sua escavação em profundidade na Sanja 3 e em sondagens (nas quadrículas U'/V'94, R'/S'98 e U'/V'101).

No Setor Norte, no decurso da escavação em área da UE 005 foi possível definir várias concentrações de blocos pétreos (Figuras 17 a 19). Alguns destes elementos podem resultar do desmantelamento do nível de terraço superior; outros, porém, parecem decorrer da ação antrópica. Com efeito, alguns deles parecem configurar alinhamentos de tendência subcircular (designadamente os elementos em granito) e concentrações de elementos de calibre idêntico. Estas unidades pétreas podem estar associadas à construção de estruturas de apoio a ocupações sazonais. Refira-se, porém, que tal realidade não apresentava restos vegetais ou faunísticos, nem marcas evidentes de termoalteração que documentem a sua utilização neste hipotético cenário de ocupação da plataforma. Relativamente à ausência desses elementos e ao carácter homogéneo desta realidade, é de salientar o contínuo processo erosivo acima mencionado, que pode justificar a produção de uma realidade com estas características. Em contrapartida, este depósito apresenta um elevado número de artefactos líticos, mais de 4 mil peças, nas quais se regista um elevado número de remontagens¹⁷. Nas sondagens realizadas no Setor Norte, foi possível verificar que o depósito apresentava características idênticas, isto é, continuava a apresentar-se enquanto um depósito maciço embalando distintas concentrações de seixos, ou elementos pétreos isolados, e um elevado número de artefactos líticos (Figuras 20 e 21).

(16) A preservação dos sedimentos no setor norte parece estar em articulação com os limites do canal de drenagem onde se teria formado o depósito UE 002. No setor norte, a distância relativamente ao eixo de tal canal permitiu a sua preservação; já no setor sul, nos trabalhos realizados na Sanja 3, regista-se uma diminuição da espessura do depósito que pode estar associada e a um aumento dos depósitos de vertente (mais detríticos na base e mais finos no topo). Ver também o Capítulo 2.1.

(17) No Capítulo 3.3 são apresentados alguns exemplos destas remontagens. Dada a complexidade do estudo, optou-se por não apresentar os resultados obtidos neste texto. Neste momento, a equipa está a preparar uma publicação exclusivamente dedicada ao trabalho de remontagens.

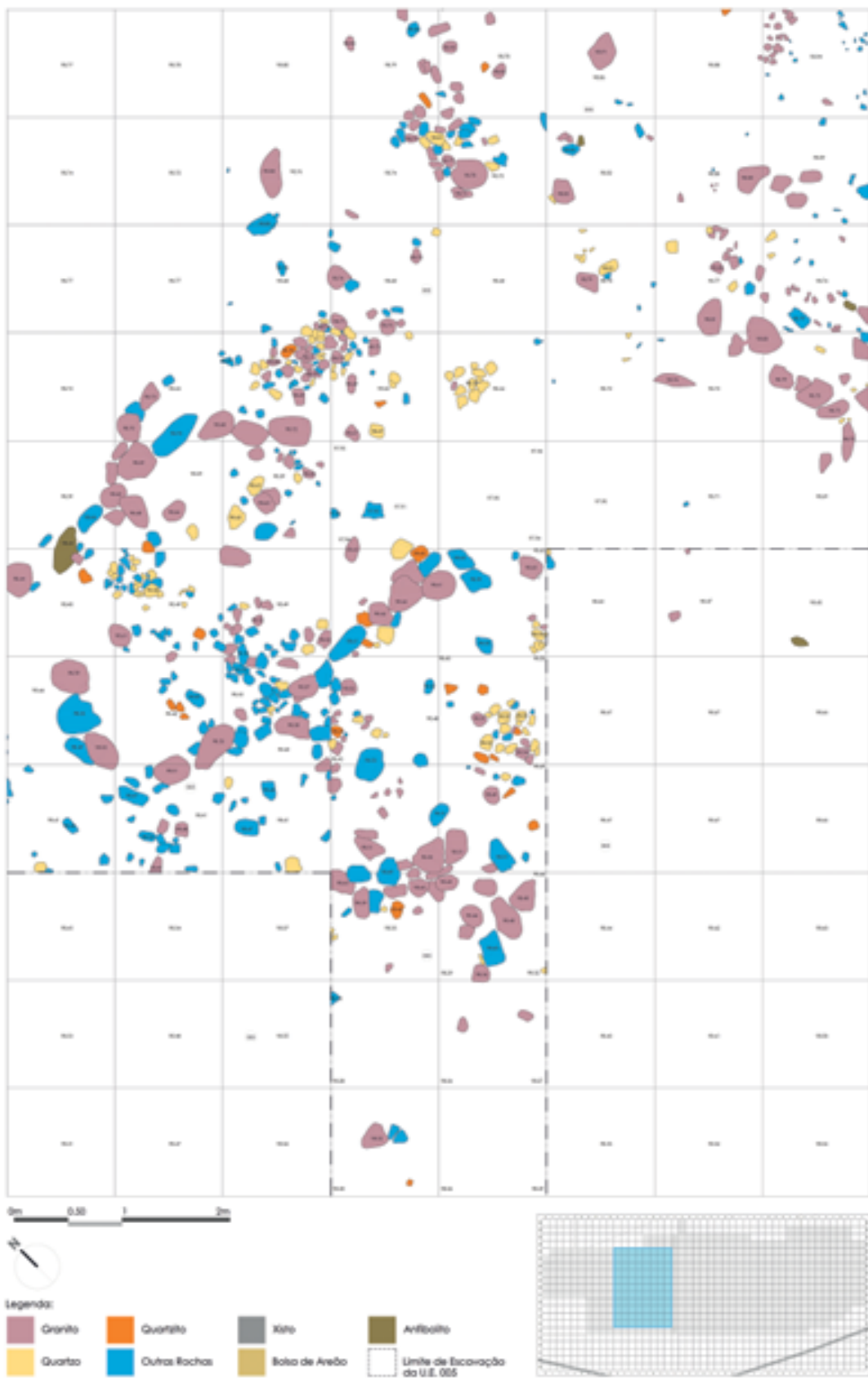
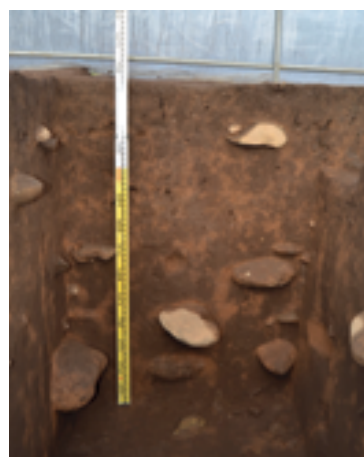


Figura 17 – Setor Norte: pormenor dos empedrados da UE 005.



Figuras 18 e 19 – Vistas gerais do topo do depósito UE 005, no Setor Norte.



Figuras 20 e 21 – UE 005: Sondagem na quad. R/S'98.

EST/UE/NA	Amostra	ICA ID	Mat. datado	¹⁴ C Conv.	Cal. AC 2σ	Cal. BP 2σ
UE 005 2.º NA	Vau15	17C/0813	<i>Leguminosae</i>	9680±40 BP	9261-9120 (76%)	11210-11069 (76%)
					9005-8917 (21%)	10954-10866 (21%)
					8897-8855 (3%)	10846-10804 (3%)
UE 005 5.º NA	Vau9	16C/0314	<i>Arbutus unedo</i>	6170±30 BP	5216-5033 (100%)	7165-6982 (100%)
UE 005 10.º NA	Vau16	17C/0814	<i>Erica australis/arborea</i>	24930±80 BP	27298-26741 (100%)	29244-28690 (100%)

Tabela 4 – Datações obtidas no depósito UE 005.

O conjunto artefactual deste contexto estratigráfico diferencia-se dos anteriores não só em termos numéricos como também pela sua constituição e cronologia. Como será explicado nos Capítulos 3.3 e 3.8, é um conjunto articulável com o Paleolítico Superior, no qual se registam elementos que sugerem ocupações associáveis ao Gravettense e, possivelmente, ao Magdalenense Final¹⁸ (e.g. Aubry 2009; Aubry *et al.* 2016; Gameiro 2012; Zilhão 1997). Relativamente à integração cronológica desta realidade, é de considerar que nas datações obtidas para o depósito, apenas uma, a da base do depósito, é coincidente com o Gravettense; as datações do topo do depósito são mais recentes que os períodos sugeridos pela componente lítica (Tabela 4).

Outro dos elementos que remete para a ocupação da plataforma durante o Paleolítico Superior corresponde à ocorrência de plaqueta com gravuras dos dois lados (Santos 2017). No Capítulo 3.4, é apresentado este elemento de arte móvel e discutida a sua integração crono-cultural. Este elemento, recolhido no decurso dos trabalhos de escavação na Sanja 3, surge na área de contacto entre a UE 005 e os depósitos de vertente no Setor Sul, ou seja, ocorre numa área em que a UE 005 não possui a possança que apresenta no Setor Norte e em que os fenómenos erosivos de vertente apresentam uma maior intensidade e capacidade de remobilização de material. Na área de ocorrência da placa há a considerar três depósitos (Figura 22): a UE 029, um depósito de matriz arenoargilosa que envolve material detrítico; a UE 028, correspondente a um depósito de matriz arenosa de cor amarela, cuja formação pode também estar associada a fenómenos de vertente; e, por último, a UE 005, que apresenta uma espessura muito reduzida, sendo de difícil individualização face às semelhanças das matrizes destes três depósitos. Este elemento artefactual ocorre entre a UE 005 e a UE 029, ou seja, sugerindo estar num contexto de remobilização que, a julgar pelo bom estado de conservação do material, teria sido de escala pequena.

(18) Ver também o Capítulo 3.4 sobre a integração crono-cultural deste conjunto.



Figura 22 – Pormenor do contexto de ocorrência da plaqueta gravada.

CONCLUSÕES

O Vau apresenta vestígios de ocupação que remetem para diferentes períodos da Pré-história. Numa tão longa diacronia de ocupação há que considerar a multiplicidade de fatores que participam na formação da estação. Com efeito, os testemunhos da ocupação humana formaram-se na articulação de diferentes dinâmicas geomorfológicas decorrentes de fenómenos relacionados com o encaixe do Teixeira e com a formação de depósitos de vertente. A estes agentes naturais acresce a ação antrópica que, num acumulado de passagens e desenvolvimento de atividades contribuem também para a alteração de contextos prévios. Uma atividade desenvolvida continuamente e que, em época histórica, teria tido um maior impacto com a construção dos socacos para a prática agrícola e a modelação do terreno para a construção da praia fluvial. Perante tal realidade, a análise da geomorfologia, da sequência estratigráfica, das estruturas, dos conjuntos artefactuais e dos vestígios arqueobotânicos permitiu avançar no processo de escavação, de compreensão dos dados e da edificação de propostas interpretativas sintetizadas na sequência de ocupação discutida no ponto anterior.

Os limites e as possibilidades de compreender os dados mencionados no parágrafo anterior definem o modo como podemos conhecer as comunidades pré-históricas que viveram e se apropriaram deste espaço; deste vau. Esta apropriação encontra-se materializada em estruturas e em conjuntos artefactuais que sugerem a utilização da plataforma como lugar de assentamento de comunidades com diferentes escalas e rotas de mobilidade. Durante o Paleolítico Superior, há a destacar um conjunto de vestígios que remetem para ocupação durante o Gravettense e, possivelmente, para o Magdalenense Final por parte de comunidades de caçadores-recoletores. Esta utilização do espaço ter-se-ia perpetuado durante o início do Holoceno. Durante o 4.º Milénio AC e a Idade do Bronze, este segmento do rio Teixeira continua a ser um local ativo nas estratégias de exploração do território de comunidades em via de consolidação do sistema agro-pastoril.



BIBLIOGRAFIA

ANGELUCCI, D. (2003). “A partir da terra: a contribuição da Geoarqueologia”, in Mateus, J. E.; Mereno-García, M. (eds.), *Paleoecologia humana e arqueociências: um programa multidisciplinar para a Arqueologia*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 35-103.

AUBRY, T. (Ed.) (2009). *200 séculos da história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Trabalhos de Arqueologia Vol. 52. Igespar, I.P., Lisboa.

AUBRY, T., GAMEIRO, C., MANGADO LLACH, J., LUÍS, L., MATIAS, H., & DO PEREIRO, T. (2016). Upper Palaeolithic lithic raw material sourcing in Central and Northern Portugal as an aid to reconstructing hunter-gatherer societies. *Journal of Lithic Studies*, 3(2).
www.doi.org/10.2218/jls.v3i2.1436

BARKER, P. (1993). *Techniques of Archaeological Excavation*, London, Routledge.

BETTENCOURT, A. M. DOS S. (1988). “Os vasos tronco-cónicos da estação arqueológica do Castelo Sever do Vouga”, *Arqueologia*, 18, pp. 99-109.

CANHA, A. (2002). *Canedotes. Povoado do Bronze Final do Alto Paiva*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Porto: FLUP.

CUNHA, P., DINIS, P., CARVALHO, J., & MARQUES, S. (2016). Relatório do estudo litostratigráfico e sedimentológico de depósitos sedimentares associados aos sítios arqueológicos de Vau e Rodo (Rios Vouga e Teixeira), Coimbra, relatório policopiado.

DANIELSEN, R., & MENDES, P. (s/d). *Projeto Ribeiradio. Arqueobotânica. Relatório Final*, Lisboa, relatório policopiado.

GAMEIRO, C. (2012). *La variabilité régionale des industries lithiques de la fin du Paléolithique supérieur au Portugal*. PhD Thesis at the U.F.R. d’Histoire de l’Art et d’Archéologie, Université Paris I, Panthéon-Sorbonne.

HARRIS, E. C. (1991). *Princípios de Estratigrafia Arqueológica*, Barcelona: Editorial Crítica.

OLIVEIRA, C., TERESO, J., & FONTE, L. (2016). *Vau. Estudo de Arqueobotânica – Relatório Técnico*, Porto, relatório policopiado.

PEREIRO, T. (2014). *Relatório Final. Diagnóstico Arqueológico no sítio N.º 214 – Vau. Omniknos – Arqueologia, Valorização do Património e da Cultura, Lda.*

SANTOS, A. (2017). A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Porto, FLUP.

VILAÇA, R. & CUNHA-RIBEIRO, J.P. (2007). Das primeiras ocupações humanas à chegada dos Romanos à Beira Litoral/From the earliest human occupations to the Romans' arrival to the Beira Litoral. Territórios da Pré-história em Portugal, vol. 4, Arkeos – Perspectivas em diálogo 23 (edição português/inglês). Tomar, Arkeos.

ZILHÃO, J. (1997). O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa, 2 Vols, Lisboa, Edições Colibri.